

RESUMOS

A Cultura do Tempo e Espaço de Macau

Neste artigo, a autora explora a cultura do tempo e espaço de Macau, levantando a discussão sobre três fontes principais: a estrutura espacial da península, a narrativa de Jonathan Porter no seu livro *Macau: The Imaginary City* e narrativas individuais de cidadãos actuais. Esta análise crítica inspirar-se-á essencialmente na obra de dois teóricos: Kevin Lynch, que se debruça sobre a importância da representação espacial de tempo, e Nietzsche, nomeadamente sobre as suas ideias de “excesso de história” e “hipertrofia do sentido histórico de tempo”. Ressaltando os efeitos da urbanização acelerada e as limitações das políticas patrimoniais, o artigo discute a forma como o “sentido de tempo” espacial pode ser um elemento ao mesmo tempo fundamental e atrófico no processo de desencadeamento do futuro: “Temos de saber qual a altura certa para esquecer, bem como a altura certa para lembrar” (Nietzsche). Segundo a autora, este “sentido de história” está simultaneamente a ser apagado e construído artificialmente na estrutura espacial, impedindo Macau de se redefinir através de um “esquecimento criativo”. Em conclusão, a fixação excessiva de Macau com a sua história constitui um apelo desesperado, como reacção à erosão progressiva de todo o tecido urbano e à imposição de uma transformação radical. O olhar crítico da autora sobre este fenómeno levanta questões preocupantes, põe em causa factos e lança o debate sobre a relação entre história, tempo e espaço, realçando o poder da representação espacial como elemento determinante na criação de uma cultura e de uma sociedade. [Autora: Paula Morais, pp. 8-27]

Desenterrar Sedimentos – Reconquistar o Rio. Representações Poéticas de Macau para o Leitor Anglófono

Este artigo estuda a forma como Macau está representada na poesia recente (principalmente pós-anos 80) de e sobre Macau, conforme publicada para o leitor anglófono. Pretende-se, sobretudo,

considerar a forma como a poesia contemporânea reflecte a importância histórica e internacional de Macau (como um portal entre o Oriente e o Ocidente e um local de actividade cultural híbrida, como um conhecido refúgio colonial) e a situação actual (como parte da RPC, como centro de jogo da Ásia Oriental, como cidade em crescimento galopante). Neste ensaio, é dada atenção à representação poética de Macau como entidade simbólica (orientalista ou outra) e, da mesma forma, a uma poética do testemunho, conforme revelado por observação directa de Macau hoje e ao longo das últimas décadas. Casinos, sorte, oportunidade; pedintes, jogadores e prostitutas; desenvolvimento e conquista; negócios fronteiriços, sonhos, poesia, arte – a poesia contemporânea de Macau negocia uma gama de temas e imagens relacionados e tem um investimento importante na compreensão do local simbólico de Macau – entre o Oriente e o Ocidente – e na compreensão da natureza de encontros entre culturas, de igual forma na responsabilidade por incompreensões interculturais. Estes interesses são, como se pode constatar, também importantes na cultura oficial, sendo portanto necessário considerar as relações entre as representações literárias, comerciais e governamentais de Macau. Os poemas mencionados estão, sobretudo, interessados em determinados locais da cidade (simbolicamente [e turisticamente] investidos). Como está presente a consciência histórica (e o esquecimento) na imagem que a poesia apresenta de Macau? Até que ponto os poemas considerados participam nas continuidades culturais/literárias ou quebram a tradição? Centrando a nossa atenção na presença e na prática de Macau como signo poético, confirma-se que este signo tem aspectos arbitrários (puramente formais/imaginários) e motivados (derivados do testemunho/actualidade). Assim, este estudo considera uma tensão na poesia actual entre a representação de Macau como imaginação abstracta (estado de espírito) e como uma realidade palpável. [Autor: Christopher Kelen, pp. 28-45]

Paisagens Possíveis. Macau na Poesia de Alberto Estima de Oliveira

Alberto Estima de Oliveira escreveu sobre silêncios, sentidos do corpo e do tempo, mas é sobre o caminho que une palavra e espaço urbano, as paisagens possíveis de Macau que, a partir do poema “Alto contraste”, a sua poesia é analisada. A expressão da sua poesia tende a conduzir o leitor menos à descrição e à análise do que está diante dos olhos e mais a olhar o que, na realidade, se oculta. Por contraste, ao observar-se os cartões postais, espécies de paradigmas de todas as paisagens urbanas, a percepção do espaço é uma evidência. Na poesia de Estima de Oliveira, ao contrário, a atenção do sujeito é continuamente interpelada por aquilo que escapa aos olhos comuns, que extrapola os limites da visibilidade. A harmonia da *physis* é, nessa condição, mais um empenhamento de um sujeito em causa porque o que caracteriza a cidade é a heterogeneidade e a diversidade. O empenho supõe uma condição ética, uma acção constante e afectiva, num jogo entre a atenção do olhar e o esquecimento. A experiência poética implica, nesse caso, tensão, desconcerto, desdobramento subjectivo e sobreposições várias, com o objectivo de se restaurar a harmonia perdida. [Autora: Mónica Simas, pp. 46-55]

De Lilipute à Cidade Onírica. Visões de Macau em Ferreira de Castro e Miguel Torga

Em 1940, Ferreira de Castro visitou Macau e a China e registou as suas impressões no livro *À Volta do Mundo*. Quarenta e sete anos mais tarde, em Junho de 1987, Miguel Torga visitou a mesma cidade, transmitindo as suas impressões em várias passagens do *Diário XV*. No entanto, já em 1943, no romance *O Senhor Ventura*, Torga se tinha já aventurado através do Oriente e Macau, mas desta vez apenas na sua imaginação. Neste caso, a cidade é apenas mais um cenário das aventuras do protagonista. O presente trabalho pretende analisar as representações de Macau elaboradas por estes dois autores,

RESUMOS

dadas por várias questões de orientação: Como é estabelecido o espaço estrangeiro na escrita? Como se relaciona o “Eu” com o Outro? Que atitude (abordagem) define a sua “perspectiva” e a imagem estrangeira que nos vai dar? Que factores históricos e culturais conduzirão a estas representações? De que forma esta representação é estereotipada ou original, real ou ficção? Como se entrelaçam a unidade e a diversidade, a distância e a proximidade? Como evolui a visão de Macau como “cidade liliputiana” de Ferreira de Castro e se transforma na “cidade de sonho e mistério” de Torga? Desta forma, analisaremos a inscrição de Macau como “cidade literária”, descrita e escrita, mas também como espaço físico, social e cultural, que medeia duas culturas, entrelaçadas e atravessadas por diversos delineadores de dicotomia de paradigma de alteridade.
[Autora: Dora Nunes Gago, pp. 56-63]

Manuel da Silva Mendes. Entre Fascínio e Sortilégio

Macau é vulgarmente representado como um lugar exótico por escritores ocidentais que tentaram pintar, descrever e evocar o mito do enigmático Oriente. Numerosos relatos deixados por missionários, viajantes ou aventureiros oferecem toda uma série de imagens incoerentes e superficiais sobre este ponto de passagem e de encontro entre o Oriente e o Ocidente. Cobiçado pela sua posição estratégica, Macau continua, na mente dos estrangeiros, uma terra ligada ao ópio, ao jogo e ao tráfico de cules, visão fortemente influenciada por uma ideologia colonialista. Porém, algumas personalidades singulares, como Silva Mendes, conseguiram olhar para Macau e para a cultura chinesa de modo diferente. Oriundo do Porto, chega a Macau em 1901 para leccionar no secundário. Ocupa o cargo de reitor durante 25 anos, mantendo simultaneamente outras actividades: advogado, jornalista, escritor, sinólogo e homem público, enquanto presidente do Leal Senado. O presente artigo aborda a vida e obra de Silva Mendes, recorrendo essencialmente à bibliografia activa e a um trabalho de António Aresta sobre a educação em Macau, em que este realça o empenho cívico de um homem numa colónia que perdeu a sua

identidade e onde a opinião pública está quase ausente. Formando juntamente com Camilo Pessanha e Venceslau de Moraes a *intelligentsia* portuguesa de Macau em meados do século XX, o leque dos conhecimentos de Silva Mendes é vasto, dos problemas locais, à filosofia chinesa, passando pelas artes.
[Autora: Vanessa Sérgio, pp. 64-77]

George Chinnery em Macau. Desenhos de uma Pátria Adoptada

Quando George Chinnery chegou a Macau em 1825 era já um artista bem conhecido. Na Royal Academy Schools, durante a década de 90 do século XVIII estudara desenho ao vivo e iniciara a sua carreira como pintor retratista; não menos importante, tinha absorvido as noções principais do “pitoresco”, um princípio estético dominante naquela época. De acordo com este princípio, um artista, durante as suas viagens, deveria evitar o perfeito, o regular e o simétrico e procurar, ao contrário, a dureza e o disforme; mais ainda, essas cenas deveriam ser tornadas vivas por figuras animadas (e por vezes animais). Durante os anos que Chinnery passou na Índia (1802-1825) desenvolveu as suas composições “pitorescas” nas aldeias de Bengala; mas foi em Macau que encontrou o tema que lhe permitiu exprimir totalmente a sua visão e exercer a sua mestria de desenho topográfico.
[Autor: Patrick Conner, pp. 78-90]

Um Diálogo sobre Porcelanas Chinesas entre Fr. Bartolomeu dos Mártires e o Papa Pio IV

Fr. Bartolomeu dos Mártires foi tanto um referencial arcebispo de Braga quanto figura relevante na conclusão do Concílio de Trento. A biografia deste arcebispo reformador é conhecida nos seus elementos fundamentais, destacando-se a sua actividade docente em Lisboa e Évora, a sua precepção de D. António, Prior do Crato, as suas várias publicações e, sobretudo, o papel dinamizador da visita e reforma do grande arcebispado de Braga, que dirigiu de 1558-9 até à sua resignação, em 1582. A sua participação nas sessões finais do Concílio de Trento, foi marcada por abundante intervenção, pautando o desenvolvimento dos debates e de algumas decisivas formulações

doutrinárias na ordem da Contra-Reforma Católica e das respostas à difusão dos Protestantismos na Europa central e do norte. Em 1563, Fr. Bartolomeu dos Mártires encontrou-se em Roma com o Papa Pio IV. Este estudo centra-se num curioso diálogo entre as duas personagens a propósito da circulação de porcelanas chinesas nas cortes régias, nobiliárias e episcopais portuguesas. O diálogo acabaria por apresentar as porcelanas de mesa chinesas como uma alternativa ao uso comum de pratos às refeições da corte pontifícia. A influência deste debate foi tão grande que haveria de estar na origem de um novo e crescente movimento de importação e coleccionismo de porcelanas e objectos chineses pela corte papal no último quartel do século XVI.
[Autor: Ivo Carneiro de Sousa, pp. 91-99]

A Diáspora Sefardita na Ásia e no Brasil e a Interligação das Redes Comerciais na Modernidade

O presente artigo pretende compreender a formação, estrutura, funcionamento e localização das redes comerciais sefarditas no exílio e os contactos sociais entre elas, com destaque para a Ásia e América do Sul, onde os cristãos-novos desempenhariam um papel fundamental quer no processo de colonização, quer na expansão económica. Paralelamente, teceremos análises comparativas definindo as possíveis semelhanças, assim como especificidades, da presença de cristãos-novos no Brasil, Índia e China. Para esse fim, investigaremos as redes financeiras sefarditas que, a partir da Europa, se estenderiam tanto à América quanto ao Extremo Oriente, apresentando, por vezes, características semelhantes. Estas redes sociais e de comércio mantiveram contacto, via Europa (Lisboa, Madrid e Amesterdão, por exemplo), com o Brasil, Índia e China. Os capitais gerados com o trato do Oriente ou da América seriam investidos em actividades distintas, como a produção de açúcar no Brasil, a negociação de especiarias na Índia, o comércio da porcelana chinesa, ou o de escravos africanos para a América ou Europa.
[Autores: Lúcio Manuel Rocha de Sousa e Ângelo Adriano Faria de Assis, pp. 100-117]